

Propriedade do Grupo "Clariidade"
Director: Manuel Lopes = Administração em S. Vicente, Cabo Verde
Composio e Imprensa na Sociedade de Tipografia e Publicidade Lda.
São Vicente, Rua Infante D. Henrique.
Preço 2\$00

São Vicente, Cabo Verde, número de Março, 1936

1 lantuna &

2 motivos de "finaçom" (batuques da ilha de Sant'Iago)

Chotinha bêm di lantuna
cô gudja, cô didal, cô linha

Chotinha bêm di lantuna
mona bedja bêm di barsêra

2

'M pidi Nhôr-Dês
pê cá matâm muito nobo
nem pê cá matâm bedjo di-más;
pamodi

bedjo 'n tá bá storido
nobo 'n tá bá di trabessado
na subida 'n tá bá mondudo
na dixida 'n tá bá stendedo
na trabessa 'n tá bá sereno.

Quel hó qu' n grandi
qu' m pôdê
'n tá mandá romba Pic'Antone
pân djobê dento chuba chobê!

Mocinhos sim namorado
'ê sim má boca sim bocado
'ê sim má camí sim mandioca
'ê sim má copo sim garaía.

S'in tenê bedjo
tá infadâm
s'in tenê nobo
ta borregam...

Nha guenti
s'in ca pupa
n'ca cuido
s'in pupa
'n ta rabenta!

Em 1936, na cidade do Mindelo, publicava-se o primeiro número da revista *Clariidade*.⁽¹⁾

Que representa *Clariidade* para Cabo Verde? Como surgiu essa revista? Oigamos, em 1956, Baltasar Lopes: «Há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começámos a pensar no *nosso problema*, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo de formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde.» (*Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*, 1956)

Era precisamente pela altura em que, na cidade da Praia, enca-begado por Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor e Alioune Diop, se concretizava o movimento de *negritude*, que reclamava a necessidade e o dever de os intelectuais africanos afirmarem e defenderem a sua cultura.

Quer nos Estados Unidos da América do Norte quer em Cuba, e sobretudo nas Antilhas, diversas manifestações haviam já ocorrido no propósito de afirmarem a cultura negra, com o objectivo de a libertarem da categoria de subproduto a que os europeus ou os homens de cultura ocidental a haviam relegado. Mas é por esta época que se consubstanciam todas as tentativas anteriores e se dá corpo e consciência a um verdadeiro movimento tendente à revelação dos valores humanos, sociais, literários e artísticos do homem afro-negro.

No entanto, esta tomada de consciência passou despercebida aos intelectuais cabo-verdianos e em nada teria influído no processo literário das ilhas crioulas. Além de que a estrutura social de Cabo Verde, especifica no quadro dos valores africanos, não se mostraria muito receptiva, pelo menos nessa época, a um movimento com as

CLARIIDES

REVISTA DE ARTE E LETRAS

(1) Mindelo, São Vicente, 1936-1960, nove números; 1936, dois números; 1937, um número; 1947, dois números; 1948, 1949, 1958 e 1960, um número em cada um destes anos.

Colaboradores: Aguiinaldo Brito Fonseca, António Aurélio Gonçalves, Arnaldo França, Artur Augusto da Silva, Baltasar Lopes, Corsino Fortes, Félix Monteiro, Francisco Lopes, Francisco Mascarenhas, Gabriel Mariano, Henrique Teixeira de Sousa, João Lopes, Jorge Barbosa, Jorge Pedro, Manuel Lopes, Manuel Serra, Mário Macedo Barbosa, Nuno Miranda, Onésimo Silveira, Osvaldo Alcântara, Ovídio Martins, Pedro Corsino Azevedo, Pedro de Sousa Lobo, Sérgio Frusoni, Terêncio Anahory, Tomaz Martins, Virgílio Avelino Pires, Virgínio Melo, Xavier Cruz; metropolitano: José Osório de Oliveira.

características do que eclodiu em Paris. Pois se a negritude se caracterizava por uma acção cultural, literária e sociológica, o certo é que política era a sua contextura, já que se propunha reivindicar o direito de colocar em pé de igualdade com a cultura branca os valores culturais afro-negros, ao mesmo tempo que, no plano dos direitos humanos, reclamava um estatuto comum dos povos africanos e europeus. Não se punha ainda o problema de autodeterminação das colónias francesas ou inglesas, fenómeno decorrente do pós-guerra. O acto revolucionário naquele momento traduzia-se na exigência de prerrogativas e liberdades, ao nível da Comunidade, e neste caso mais em relação às colónias francesas. Em jogo, sobretudo, uma questão de ordem cultural, associada à desafrota étnica e racial, e todos estes problemas, em força, se tornaram a substância corrente quer do panfleto político quer do ensaio quer da poesia.

Ora este tipo de problemas não era de molde a alcançar um certo acolhimento ou só mui delidamente o poderia ter sido em Cabo Verde, ainda mesmo que os intelectuais se tivessem dele apercebido. Larga miscogenação étnica e cultural, no seio do Arquipélago, permitiu que o cabo-verdiano de há muito viesse apropriando-se do processo interno das suas estruturas sociais, e por isso a África, em termos raciais, étnicos ou em termos de Terra-Mãe, ali não se punha. E, embora se não subestimasse os *apports* africanos, a verdade é que também se não valorizavam. O que nessa fase da evolução cultural crioula se colocava era a redescoberta dessa própria realidade, já se disse vincadamente original, e até então por inteiro ignorada, com excepção para os criadores populares ou para um Eugénio Tavares, nas suas mornas em crioulo, nos estudos de um Pedro Cardoso ou na poesia lírica de língua portuguesa de um Pedro Corsino Azevedo. A tarefa imediata estava no abandonar os padrões europeus e os temas inspirados numa poesia lisboeta. O que se impunha era pensar «o nosso problema», isto é, o problema de Cabo Verde.

Eis que, para tanto, havia um país que poderia dar uma ajuda. Um país semelhante nas estruturas, semelhante na sua formação social, semelhante no seu contexto racial. Esse país outro não era que o Brasil — e nessa altura já com vários romancistas, poetas, sociólogos capazes de servirem de catalizadores às energias acumuladas pelos intelectuais cabo-verdianos mais atentos e dispostos à reformulação cultural.

«Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas em sistema de empréstimo, alguns livros que considerámos essenciais *pro domo nostra*. Na ficção, o José Lins do Rego do «Menino de Engenho» e do «Bangué», o Jorge Amado do «Jubiabá» e do «Mar Morto», o Amado Fontes de «Os Corumbas», o Marques Rebelo do «Caso de Mentira», que conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um 'alubrimento' a «Evocação do Recife», de Manuel Bandeira (...).»

«A vinte anos de distância, teimo em considerar essas reacções nossas como autênticas. Esta ficção e esta poesia revelam-nos um ambiente, tipos, estilos, forma de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de castiço e de menos contaminado.»

Entretanto, vieram os sociólogos e os etnólogos: «Nestes (...) deu-se a revelação. Da revelação era grandemente responsável um livro magnífico — a «Casa Grande e Senzala», de Gilberto Freyre, ao lado dos volumes, densos de investigação e interpretação, do malogrado Artur Ramos.»

Isto foi importante, mas por si só não teria sido bastante se outros factores não tivessem intervenido. Se outros factores não tivessem realizado a levedação de um estado de espírito em potência. Estamos numa época de crise, o colapso americano afectando o aparelho económico do mundo inteiro, o Porto Grande de São Vicente ultrapassado tecnicamente pelo de Dakar, com efeitos desastrosos para a economia de São Vicente; o nazismo e o fascismo europeus como formas violentas e virulentas de reaccionarismo em choque com as necessidades de afirmação nacional e individual. Por outro lado, a importância que em Portugal adquiriu a querela do modernismo, através da revista *Presença*, conhecida em Cabo Verde, defendendo a predominância do subjectismo na criação literária, mas reclamando a liberdade de criação do ponto de vista formal, atacando uma literatura insípida de fim-de-século, reflectindo e estruturando todo o impacte saudável do *Orfeu*, em suma, proclamando a necessidade de modernidade, de sinceridade, de valorização da literatura nacional. Enfim, um conjunto de circunstâncias, algumas apenas aqui afloradas, contribuíram para que, em 1936, se tornasse um facto esse movimento que, por milagre, em terra tão minguada, deu a *Claridade*.

Essencialmente literária nos seus três primeiros números, nem por isso deixam de nela aparecer notas que apontam não só às características sociais de Cabo Verde mas também às suas raízes humanas e telúricas, conferindo ao dialecto de Cabo Verde uma presença de honra. Com efeito, logo nos dois primeiros números se publicam na página de rosto poemas em crioulo, um, de carácter popular, outro, uma morna de Xavier Cruz: «Venus!... / Venus! oh nhá crecheu que-rida, / Pamó qui bô há-l fazém sofré... / Venus! oh astro di nhá pensamento, / Pamó qui bô há-l dixám morré...» (primeira quadra). Não são, sejamos rigorosos, não são os elementos culturais africanos que adquirem importância, mas sim os elementos crioulos, o produto de uma aculturação, já sem conflitos, que ganham um fundo valor nos propósitos dos claridosos: «Enquanto o crioulo tem um sentido profundo da terra-mãe e por ela sente irremissível apelo quando emigrante, o negro americano liberta a sua esperança de desforra social

nas estridências do *Jazz*, na nostalgia dos *blues* ou em poemas de afirmação reivindicadora, como o de Langston Hughes — *I too am America*» (João Lopes).

Isto se passava na primeira fase de *Claridade*, constituída pelos seus três primeiros números. E neles aparecem três poetas: Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes), Jorge Barbosa e Manuel Lopes, que precisamente formavam o núcleo dinamizador da revista, embora a estes três juntamos um outro tardio colaborador, Pedro Corsino Azevedo, mas já de há muito com poemas na gaveta.

A modernidade poética cabo-verdiana poderá não nos ter sido dada somente pela *Claridade* (março de 1936) porque, em dezembro de 1935, Jorge Barbosa tinha feito já a sua estreia literária com *Arquipélago*. Como quer que seja, é legítimo conferir à *Claridade* o mérito da renovação poética cabo-verdiana, porque é nela que se vive a diversidade que enriquece a unidade, e tanto mais que o livro de Jorge Barbosa precede o primeiro número daquela uns escassos três meses. E mais. Esse livro traz a chancela de Edições Claridade, o que, para o caso, é bastante revelador.

Estes poetas, pela primeira vez na história da literatura culta de Cabo Verde, arrancam do próprio húmus. Pela primeira vez nas terras africanas de influência portuguesa se experimenta uma poesia de raiz. Uma poesia de raiz predominantemente telúrica e social. E por isso, se não era directamente protestária e militante, era com certeza de denúncia: «Ai o drama da chuva, / ai o desalento, / o tormento / da estiagem // Ai a voragem / da fome / levando vidas! / (... a tristeza das sementeiras perdidas...) // — Ai o drama da chuva!» (Jorge Barbosa). Os poetas cabo-verdianos pela primeira vez se reconciliavam com a terra-mãe, como que envergonhados de uma longa jornada de abandono: «Mamãe-Terra, / venho rogar uma oração ao pé de ti... / Teu filho vem dirigir suas súplicas a Deus Nossenhôr» (Osvaldo Alcântara). Os valores da tradição cultural popular sobem à flor da consciência numa redescoberta amorosa: «Terreiro de trapiche, / aromas adocicados do melago / pontado na chieira dos tachos. // Volteiam os bois na roda intermina da almanjarra... // — Vira boi / — volta boi / quero uma noiva bonita / como as sereias do mar! // ai tâmara / ai figo / de Portugal!» (Osvaldo Alcântara). Ou como Pedro Corsino Azevedo, no seu poema, escrito em 1929, *Galinha Branca*: «Galinha / Branca / Que anda / Por casa / De gente / Catando / Grão / De milho. / E mais. / E mim / E bô / E Carlos / E Valério / E Fêdo.» Terra fechada, cercada pelo mar, o drama da insatisfação insular, avivando os sonhos, embalando o ser no doce e saudoso desejo da evasão, tema, como tantos outros, repetido ao longo do percurso poético cabo-verdiano, é dado aqui por Manuel Lopes: «E fico mudo / ouvindo o vento a cantar na penedia, / olhando as ondas que não param nunca, / o horizonte sempre igual, / e este sulco branco que umas hélices deixaram no mar / (onde se desfazem

os últimos esgares duma longa ironia / e no extremo do qual / flutua ainda / o perfil dum vapor que não me quis levar)....». Mas uma coisa será o desejo de evasão, de raiz intelectual. Outra será a necessidade de emigração, de raiz económica. Dilema dramático esse que amarra o cabo-verdiano: querer-partir-e-ter-de-ficar — ou, querendo-ficar, ter-de-partir. De qualquer modo, luta secular de sobrevivência, tragédia contínua numa terra flagelada pelas estiagens, onde viver é um acto heróico. «Cruzaste Mares / na aventura da pesca da baleia / nessas viagens para a América / de onde às vezes os navios não voltam mais. / O teu destino... / o teu destino / Sei lá! / Viver sempre vergado sobre a terra, / a nossa terra / pobre / ingrata / querida! // Ou outro fim qualquer / humilde / anónimo / Oh Cabo-Verdiano humilde / anónimo / meu irmão!» (Jorge Barbosa).

A originalidade desta poesia está ainda no facto de que, por esse tempo, em Portugal continuavam predominantes os padrões da *Pré-sença*. Por isso a poesia de Cabo Verde só teria a sua correspondência aqui, em Portugal, a partir de 1939, com o surto neo-realista, embora este enriquecido por uma visão dinâmica do mundo, dada pelo materialismo histórico, e que faltava ao espírito de *Claridade*.

Na segunda fase, aquela revista foi incorporando valores de sucessivas gerações, alargando-se assim na expressão estética das estruturas sociais e enriquecendo-se com novos poetas, muitos deles neo-realistas da *Certeza* e do *Suplemento Cultural*, e outros que se revelaram marginalmente, deste modo continuando, embora a tão longo prazo, a constituir-se em órgão soberano da cultura crioula.



Jorge Barbosa (Jorge Vera-Cruz Barbosa. Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde, 25.5.1902 — Cova da Piedade, 6.1.1971). A infância e a juventude passou-as em São Vicente, com excepção do período em que frequentou o Liceu Gil Vicente, em Lisboa. Como funcionário aduaneiro residiu longos anos na ilha do Sal. Já aposentado, na segunda metade de 1970, veio para Lisboa, a fim de se tratar e descansar, junto da família, que se havia transferido para a Cova da Piedade. Alguns meses depois falecia, tendo ido a enterrear no cemitério da Caparica. Pertenceu ao grupo *Atlântico*, inspirado por Jaime de Figueiredo, que não chegou, porém, a concretizar-se através de qualquer publicação. Entretanto seria uma das figuras mais importantes da *Claridade*, com Baltasar Lopes e Manuel Lopes. Em 1936, ao publicar o seu primeiro livro, *Arquipélago*, rompia a tradicional dependência dos modelos metropolitanos e tornava-se pioneiro da moderna poesia cabo-verdiana. Experimentou acidentalmente a narrativa, sem grandes voos. Cautelosamente guardou para si e para os amigos íntimos muitos poemas que receou lhe pudessem ter tra-

zido amargos de boca, na sua qualidade de funcionário público, e cujo conhecimento se torna necessário para um juízo completo da sua personalidade. Cavaleiro da Ordem do Império. Colaboração dispersa por *Clareza*, *Cabo Verde*, *Atlântico* (órgão da Agência-Geral das Colónias), *Mundo Português*, *Aventura*, *Descobrimento*, *Presença*, *Movimento*, *Mensagem* (CEI) e outros jornais e revistas portuguesas e brasileiras. Foi-lhe atribuído o Prémio Camilo Pessanha, em 1955. Figura em: *Poesia em Cabo Verde*, Lisboa, 1944; *Antologia de poesia negra de expressão portuguesa*, Paris, 1958; *Estrada larga*, selecção de textos e poesia do suplemento «Cultura e Arte» de *O Comércio do Porto*, Porto, s/d (1962); *Líricas portuguesas*, 3.ª série, Lisboa, 1958; *antologia de poesia in Estudos Ultramarinos*, n.º 3, Lisboa, 1959; *Antologia de ficção caboverdiana contemporânea*, Praia, Cabo Verde, 1961; *Poetas cabo-verdianos*, Praia, São Paulo, 1963; *Antologia da terra portuguesa — Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Macau e Timor*, Lisboa, s/d (1963?); *Literatura africana de expressão portuguesa*, vol. 1, poesia, Argel, 1967; *La poésie africaine d'expression portugaise*, Paris, 1969; *Contos portugueses do ultramar*, 1.º vol., Porto, 1969.

Publicou: *Arquipélago*, São Vicente, 1935; *Ambiente*, Praia, 1941; *Caderno de um ilhéu*, Lisboa, 1956. Anunciou: *Pescadores*. Deixou um espólio, hoje propriedade dos herdeiros.

P R E L Ú D I O

Para António Aurélio Gonçalves

Quando o descobridor chegou à primeira ilha
nem homens nus
nem mulheres nuas
espreitando
inocentes e medrosos
de trás da vegetação.

Nem setas venenosas vindas no ar
nem gritos de alarme e de guerra
ecoando pelos montes.

Havia somente
as aves de rapina
de garras afiadas
as aves marítimas
de voo largo
as aves canoras
assobiando inéditas melodias.

E a vegetação
cujas sementes vieram presas
nas asas dos pássaros
ao serem arrastadas para cá
pelas fúrias dos temporais.

Quando o descobridor chegou
e saltou da proa do escalor varado na praia
enterrando
o pé direito na areia molhada

e se persignou
receoso ainda e surpreso
pensando n'El-Rei
nessa hora então
nessa hora inicial
começou a cumprir-se
este destino ainda de todos nós.

(*Caderno de um ilhéu*, 1956)

I R M Á O

Cruzaste Mares
na aventura da pesca da baleia,
nessas viagens para a América
de onde às vezes os navios não voltam mais.

Tens as mãos calosas de puxar
as enxárcias dos barquinhos no mar alto;
viveste horas de expectativas cruéis
na luta com as tempestades;
aborreceu-te esse tédio marítimo
das longas calmarias intermináveis.

Sob o calor infernal das fomalhas
alimentaste de carvão as caldeiras dos vapores,
em tempo de paz
em tempo de guerra.

E amaste com o ímpeto sensual da nossa gente
as mulheres nos países estrangeiros!

Em terra
nestas pobres Ilhas nossas
és o homem da enxada
abrindo levadas às águas das ribeiras férteis,
cavando a terra seca
nas regiões ingratas
onde às vezes a chuva mal chega
onde às vezes a estiagem é uma aflição
e um cenário trágico de fome!

Levas aos teus bailes
a tua
melancolia
no fundo da tua alegria,
quando acompanhas as Mornas com as posturas
graves do violão
ou apertas ao som da música crioula
as mulheres amoráveis contra o peito...

A Morna...
parece que é o eco em tua alma
da voz do Mar
e da nostalgia das terras mais ao longe
que o Mar te convida,
o eco
da voz da chuva desejada,
o eco
da voz interior de nós todos,
da voz da nossa tragédia sem eco!

A Morna...
tem de ti e das coisas que nos rodeiam
a expressão da nossa humildade,
a expressão passiva do nosso drama,
da nossa revolta,
da nossa silenciosa revolta melancólica!

A América...
a América acabou-se para ti...
Fechou as portas à tua expansão!

Essas Aventuras pelos Oceanos
já não existem...
Existem apenas
nas histórias que contas do passado,
com o canhoto atravessado na boca
e risos alegres
que não chegam a esconder
a tua
melancolia...

O teu destino...
O teu destino
sei lá!

Viver sempre vergado sobre a terra.
a nossa terra,
pobre
ingrata
querida!

Ser levado talvez um dia
na onda alta de alguma estiagem:
como um desses barquinhos nossos
que andam pelas Ilhas
e o Oceano acaba também por levar um dia!

Ou outro fim qualquer
humilde
anónimo...

Ó Caboverdeano humilde
anónimo
— meu irmão!

(Ambiente, 1941)

A M O R N A

à Maria Tereza Barbosa

Canto que evoca
coisas distantes
que só existem
além

do pensamento,
e deixam vagos instantes
de nostalgia,
num impreciso tormento
dentro
das nossas almas...

Morna
desassossego,
voz
da nossa gente
reflexo subconsciente
em nós
das vagas ao longo das praias;
das aragens
que trazem um sorriso bom
às equipagens
dos barquinhos à vela
e flexibilidades graciosas
às folhagens
do milharal,
musicando rapsódias em surdina
nos tectos das casas pobres...

(*Arquipélago*, 1935)

CANÇÃO DE EMBALAR

«Dorme Maninho
pra não vir Ti Lobo...»

Maninho
volta-se e dorme
no colchão de saco vazio
sobre a terra batida.

Ao lado no chão dormindo também
o naviozinho de lata
que fez com suas mãos...

94

Apaga-se a luz.
Maninho acorda depois
por causa da voz falando baixinho
segredando
no meio escuro...

Não fala de Mamãe...
Ti Lobo talvez...
Mas nhô Chico Polícia há dias contava:
«Ti Lobo não tem...»

Essa voz nocturna segredando...
O homem branco talvez
que lá vai de vez enquando...

«Dorme Maninho
pra não vir Ti Lobo...»

Volta-se e torna a dormir...

Amanhã cedo vai correr o naviozinho de lata
nas poças da Praia Negra...

(*Ambiente*, 1941)

P A I S A G E M

Malditos
estes anos de seca!

Mete dó
o silêncio triste
da terra abandonada
esmagada
sob o peso
do sol penetrante!

95

Há quanto tempo não rodam
as pedras dos moinhos!
Há quanto tempo não se houve
o som monótono e madrugador
dos pilões cochinho...

— Que é desse ruído anunciador
das refeições do povo?

De dentro das casas
nem fio tenuíssimo
de fumo subindo...

... ..

Pobres enxadas
que não servem mais!
esquecidas nos cantos dos quintais,
cobertas
de poeira e de estreme...

Coisa inútil as enxadas,
deixadas
sem cabos
por ali
ao abandono!

Árvores pasmadas
sequiosas
com restos ainda
dos ninhos que abrigaram,
deixam rogativas silenciosas
no deslocamento da paisagem!

E a terra seca
cheia de sol!

De dentro das casas
nem fio tenuíssimo
de fumo subindo...

Em tudo
o cenário dolorosíssimo
da estiagem
— da fome!

(*Ambiente*, 1941)

O DESTINO IGNORADO

Onde pára
a que morava do outro lado da cidade,
acolá do alto de onde se via o mar?
Que haverá

acontecido à menina trigueira que lia romances,
à tarde, assentada à porta da casa?
Eu passava por lá

para vê-la,
mas ela
não levantava os olhos do livro que tinha na mão
ou se os levantava
era apenas
para ver de soslaio
o panorama marítimo da baía.

Que é feito daquela a quem eu fiz
os meus sonetos românticos,
os meus sonetos bem medidos
com as rimas melhores que escolhia
no «Dicionário de Rimas»
e depois copiava no meu caderno de capa de cartão vermelho?

Que é feito do seu destino
e da juventude do seu corpo?

Que é feito da menina que lia romances?

Talvez na Argentina...
 Talvez em Bissau...
 Talvez em Dakar...

Que é feito dela?
E do meu caderno de capa vermelha?

(*Ambiente*, 1941)

P O E M A D O M A R

O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
cercando

preendendo as nossas Ilhas,
desgastando as rochas das nossas Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores,
roncando nas areias das nossas praias,
batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloçando os barquinhos de pau que vão por estas costas...

O Mar!

pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das ilustrações
nas fitas de cinema

e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da terra!

O Mar!

a esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais!...

O Mar!

saudades dos velhos marinheiros contando histórias de tempos pas-
[sados,
histórias da baleia que uma vez virou a canoa...
de bebedeiras, de rixas, de mulheres,
nos portos estrangeiros...

O Mar!

dentro de nós todos,
no canto da Morna,
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas,
no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente!

Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter que ficar!

(Ambiente, 1941)

M O M E N T O

Quem aqui não sentiu
esta nossa
fina melancolia?

Não a do tédio
desesperante e doentia.
Não a nostálgica
nem a cismadora.

Esta nossa
fininha melancolia
que vem não sei de onde.
Um pouco talvez
das horas solitárias
passando sobre a ilha
ou da música
do mar defronte
entoando
uma canção rumorosa
musicada com os ecos do mundo.

Quem aqui não sentiu
esta nossa
fininha melancolia?
a que suspende inesperadamente
um riso começado
e deixa um travor de repente
no meio da nossa alegria
dentro do nosso coração,
a que traz à nossa conversa
qualquer palavra triste sem motivo?

Melancolia que não existe quase
porque é um instante apenas
um momento qualquer.

(Caderno de um ilhéu, 1956)

APRESENTAÇÃO

Não levo sinal no rosto
nem tenho nada especial
que me distinga entre os homens.
Se dizem uns que sou poeta
isto não é distinção
pois o sou não como os poucos
poetas que o são na verdade
mas como esses que aos milhares
seguem apenas cantando
uma ilusão da Poesia.

PRELÚDIO

para António Aurélio Gonçalves

Quando o descobridor chegou à primeira ilha
nem homens nus
nem mulheres nuas
espreitando
inocentes e medrosos
de trás da vegetação.

Nem setas venenosas vindas no ar
nem gritos de alarme e de guerra
ecoando pelos montes.

Havia somente
as aves de rapina
de garras afiadas
as aves marítimas
de voo largo
as aves canoras
assobiando inéditas melodias.

E a vegetação
cujas sementes vieram presas
nas asas dos pássaros
ao serem arrastadas para cá
pelas fúrias dos temporais.

Quando o descobridor chegou
e saltou da proa do escaler varado na praia
enterrando
o pé direito na areia molhada
e se persignou
recooso ainda e surpreso
pensando n'El-Rei

nessa hora então
nessa hora inicial
começou a cumprir-se
este destino ainda de todos nós.

TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL

Raparigas daquele baile
de uma terça-feira distante de Carnaval,
pobres moças daquele tempo
em que eu era moço também
— lembrai-vos?

Vivestes todas com feliz convicção
aquele sonho de uma noute,
nos vossos tules vaporosos
nos vossos veludos macios
nas vossas botinas prateadas.

As estrelas das vossas túnicas,
as lanfejoulas, os enfeites dos vossos vestidos,
os vossos olhos também,
brilhavam com ternura à luz do Petromax.

Vejo-vos ainda, alegres, fantasiadas
de noute-clara, noute-escura,
marinheiras, jardineiras, mexicanas, espanholas...
Uma até havia de rainha
e trazia com tanta majestade
a coroa de papelão dourado.

Era tudo miragem
era tudo sonho daquela noute,
a vossa única oportunidade de serdes felizes
durante algumas horas.

Que é feito de vós,
pobres raparigas daquele baile distante?
Quem vos levou depois pela mão
pelos caminhos da vida?

Vejo-vos ainda...

Fadas de noutes misteriosas,
onde estão as vossas túnicas
de estrelas, luas e céus maravilhosos?
Navegadoras
de que longínquos mares,
a que rumo vos levou
a bússola do destino?
Ninfas
de jardins e bosques inacessíveis,
que é do perfume das vossas flores?
Mulheres estrangeiras,
por que terras do mundo agora andais?
Rainha
de um reino que não houve,
quem desfez a tua coroa?

Era tudo miragem
era tudo sonho
era tudo tão bom!

MOMENTO

Quem aqui não sentiu
esta nossa
fininha melancolia?

Não a do tédio
desesperante e doentia.
Não a nostálgica
nem a cismadora.

Esta nossa
fininha melancolia
que vem não sei de onde.
Um pouco talvez
das horas solitárias
passando sobre a ilha
ou da música
do mar de frente
entoando
uma canção rumorosa
musicada com os ecos do mundo.

Quem aqui não sentiu
esta nossa
fininha melancolia?
a que suspende inesperadamente
um riso começado
e deixa um travor de repente

no meio da nossa alegria
dentro do nosso coração,
a que traz à nossa conversa
qualquer palavra triste sem motivo?

Melancolia que não existe quase
porque é um instante apenas
um momento qualquer.

ECOS

Prefiro os rumores nocturnos da ilha
o rugido do mar rolando nas praias
a música enervante do nordeste
assobiando nas frestas das janelas
certa canção que eu já sei de cor.

Porque o silêncio e a calma das horas solitárias
da noite sem vento e do mar sem ondas
como que fazem despertar
no fundo do meu ser
o eco silencioso
de vozes suspensas
e de aflições esquecidas.

ALFÂNDEGA

para Luís Forjaz Trigueiros

Talvez não acreditem
mas há alguma poesia ali dentro
do velho casarão da Alfândega
— e ninguém dá por isso!

A poesia não está
no grande e pesado livro das receitas
em cujas colunas
o jovem escrivão arruma as cifras
com o seu cuidado metucioso,
erguendo os olhos de vez em quando em direcção à janela
para ver o panorama do porto.

A poesia não está
nos frios e sombrios armazéns
onde os volumes trazem vestígios ainda
das cinco partes do mundo.

A poesia está é na sala de verificação
no dia em que chegam passageiros à ilha
e nessa sugestão de outros climas
que fica por instantes no ambiente.

Foi ali que um dia
o jovem funcionário de serviço
(eu era moço então)
escreveu o seu primeiro poema para longe...

CARTA PARA MANUEL BANDEIRA

Nunca li nenhum dos teus livros.
Já li apenas
a Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus.
Nem te conheço
porque a distância é imensa
e os planos das minhas viagens nunca passaram
de sonhos e de versos.
Nem te conheço
mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada.
E a impressão do teu olhar vagamente triste
fez-me pensar nessa tristeza
do tempo em que eras moço num sanatório da Suíça.

Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,
tu me preocupas, Manuel Bandeira,
meu irmão atlântico.

Eu faria por ti qualquer cousa impossível.
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã
por todos os cabarés
por todos os prostíbulos.
E eu ta levaria
pura ou degradada até à última baixeza.

Bateria de manso
à porta dos apartamentos de poeta solitário
ali na Avenida Beira Mar do Rio de Janeiro.
Terias qualquer presentimento
porque se fosses pôr a vitrola a funcionar
riscarias o disco,
se estivesses a escrever na máquina portátil
deixarias o poema no meio.

E virias abrir-me a porta.

Então
sem qualquer palavra
passar-te-ia a Estrela da Manhã.

Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha
no outro lado do Atlântico.
E traria saudades do teu sorriso sem ressentimentos
sem orgulho
que eu descobriria naquele instante
através da porta entreaberta.

CARTA PARA O BRASIL

(ao *ciudadado de Gilberto Freyre*)

Estou a ver-me entrando no Guanabara
para essa visita finalmente
que eu tenho há muito tempo
guardada no meu desejo!

Não sei quando será.

Algun dia, meu Amigo,
algun dia!

Quando o vapor atracar
talvez Você me conhecerá facilmente
se souber conhecer por palpíte
os que são seus amigos.
Talvez me conhecerá
se ouvir a mensagem da minha simpatia
nesta telegrafia silenciosa
do meu coração alvoroçado.

Senão
repare bem e verá:
sou aquele
já de cabelos brancos — quem sabe? —
revoltos pela brisa da baía,
o que traz duas rugas
vincadas no rosto.

(As duas rugas meu Amigo
foi o hábito de sorrir que as deixou ficar.
Algumas vezes foram também caminho
para as lágrimas rolarem...)

Estou a ver-me entrando no Guanabara
a sentir-me já
dizendo baixinho:
— abençoi-me, Senhor!

É que ali no alto do Corcovado
o Cristo Redentor está de braços abertos
para a minha recepção na terra amável!

VOCÊ, BRASIL

para o poeta Ribeiro Couto

Eu gosto de Você, Brasil,
porque Você é parecido com a minha terra.
Eu bem sei que Você é um mundão
e que a minha terra são
dez ilhas perdidas no Atlântico,
sem nenhuma importância no mapa.
Eu já ouvi falar das suas cidades:
A Maravilhosa do Rio de Janeiro,
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Baía de Todos-os-Santos,
ao passo que as daqui
não passam de três pequenas cidades.
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,
mas Você é parecido com a minha terra.

É o seu povo que se parece com o meu,
é o seu falar português
que se parece com o nosso,
ambos cheios de um sotaque vagaroso,
de sílabas pisadas na ponta da língua,
de alongamentos timbrados nos lábios
e de expressões terníssimas e desconcertantes.
É a alma da nossa gente humilde que reflecte
a alma da sua gente simples,
ambas cristãs e supersticiosas,
sentindo ainda saudades antigas
dos sertões africanos,

compreendendo uma poesia natural
que ninguém lhes disse,
e sabendo uma filosofia sem erudição
que ninguém lhes ensinou.

O gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas,
dos seus cataretés, das suas toadas de negros,
caiu também no gosto da gente de cá,
que os canta e dança e sente
com o mesmo entusiasmo
e com o mesmo desalento também.
As nossas mornas, as nossas polcas, os nossos cantares,
fazem lembrar as suas músicas,
com igual simplicidade e igual emoção.

Você, Brasil, é parecido com a minha terra.
As secas do Ceará são as nossas estiagens,
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há uma diferença no entanto:
é que os seus *retirantes*
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar...

Nós também temos a nossa cachaça,
o grogue de cana que é bebida rija.
Temos também os nossos tocadores de violão
e sem eles não haveria bailes de jeito.
Conhecem na perfeição todos os tons
e causam sucesso nas serenatas,
feitas de propósito para despertar as moças
que ficam na cama a dormir nas noutes de lua cheia.
Temos também o nosso café da ilha do Fogo
que é pena ser pouco,
mas — Você não fica zangado? —
é melhor do que o seu.

Eu gosto de Você, Brasil.
Você é parecido com a minha terra.
O que é que lá tudo é à grande
e tudo aqui é em ponto mais pequeno...

Eu desejava fazer-lhe uma visita
mas isso é cousa impossível.
Queria ver de perto as cousas espantosas que todos me contam
de Você,

assistir aos sambas nos Morros,
estar nessas cidadezinhas do interior
que Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura,
queria deixar-me arrastar na onda da Praça Onze
na terça-feira do Carnaval.

Eu gostava de ver de perto o luar do Sertão,
de apertar a cintura de uma cabocla

— Você deixa? —
e rolar com ela num maxixe requebrado.

Eu gostava enfim de o conhecer mais de perto
e Você veria como sou um bom camarada.

Havia então de botar uma fala
ao poeta Manuel Bandeira,
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima
para ver como é que a Poesia receitava
este meu fígado tropical bastante cansado.

Havia de falar como Você,
com um i no si

— «si faz favor» —,

de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos

— «mi dá um cigarro?» —

Mas tudo isso são cousas impossíveis — Você sabe? —
Impossíveis.